

## **O BRASIL VISTO DE BAIXO PARA CIMA EM *PENSAMENTOS DE UM CORRERIA*, DE FERRÉZ**

Vera Lúcia de OLIVEIRA<sup>80</sup>

### RESUMO

Nesse artigo, se abordará a polêmica gerada pelo conto de Ferréz, “Pensamentos de um correria”, publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 8/10/2007, como resposta à carta de Luciano Huck, publicada no mesmo jornal em 1/10/2007, em que este relatava a experiência traumática de ter sido vítima de um assalto na cidade de São Paulo. Ferréz, escritor e *rapper* já com dois livros publicados, em que focava o cotidiano violento do bairro de Capão Redondo, na capital paulista, chama a atenção para o fato de que a mesma cena do assalto pode ser vista e interpretada a partir de duas perspectivas, indicadoras das profundas desigualdades econômicas e sociais da realidade brasileira. Acusado de fazer apologia ao crime (acusação da qual o autor foi absolvido), o texto de Ferréz chama a atenção dos leitores e se põe como proposta de uma nova literatura, mais inclusiva, que possa dialogar e mesmo ser incorporada ao cânone da literatura brasileira, embora produzida fora dos circuitos clássicos da literatura oficial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura brasileira; Ferréz; Literatura marginal; Periferia; Prosa urbana brasileira.

Em 1/10/2007 foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo* o artigo “Pensamentos quase póstumos”, do apresentador da Rede Globo de Televisão, Luciano Huck. Com esse título de seguro efeito, Huck narra um assalto à mão armada que sofreu em São Paulo, denunciando a violência e a sensação de impotência de quem está sob a mira de um revólver. Ele cobra, ainda, da polícia e do estado, com força e indignação, medidas contra a violência, que é o pão cotidiano dos que vivem nessa metrópole, concluindo:

(...) hoje posso dizer que sou parte das estatísticas da violência em São Paulo. E, se você ainda não tem um assalto para chamar de seu, não se preocupe: a sua hora vai chegar.

---

80 UNIPG, Dipartimento di Lettere – Lingue, Letterature e Civiltà antiche e moderne, Via del Verzaro, 49 – Perugia – 06135 – Italia; vera.deoliveira@unipg.it.

Desculpem o desabafo, mas, hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio. Isso não está certo. (HUCK, 2007)

O artigo chamou a atenção dos leitores não só pela veemência da denúncia, mas pelo fato de dar ressonância a uma situação bem conhecida por quantos moram, trabalham e estudam nessa grande cidade brasileira, enfrentando o clima de tensão e medo de, a qualquer momento, ser agredido e assaltado, na fila de um banco ou de um ônibus, indo para o trabalho ou para o lazer. Como era de se esperar, os leitores identificaram-se com o autor do texto, sentindo-se bem representados por ele.

Certamente ninguém esperava que, uma semana depois, fosse publicado no mesmo jornal um outro artigo, na seção “Opinião”, com o título “Pensamentos de um ‘correria’”, assinado pelo escritor e *rapper* Ferréz (nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva), autor, já então, de dois livros em que focava o cotidiano violento do bairro de Capão Redondo, em São Paulo. Sem fazer referência direta ao texto do Huck, nele o autor replica e dialoga com o apresentador da TV Globo, invertendo radicalmente a ótica com a qual a mesma cena do assalto é vista e vivida por quem o praticou.

O texto é estruturado na forma de um breve conto, em que o narrador segue o ‘correria’, jargão usado para designar quem vive de expedientes e furtos, girando pela cidade a bordo de uma moto e esperando o melhor momento de agir. O narrador foca, pois, o dia do “correria” desde que se levanta até o momento do assalto, mostrando o contexto de pobreza e violência em que vive e, assim, as possíveis motivações que estariam na base dos seus gestos e atos:

Ele me olha, cumprimenta rápido e vai pra padaria. Acordou cedo, tratou de acordar o amigo que vai ser seu garupa e foi tomar café. A mãe já está na padaria também, pedindo dinheiro pra alguém pra tomar mais uma dose de cachaça. Ele finge não vê-la, toma seu café de um gole só e sai pra missão, que é como todos chamam fazer um assalto. (FERRÉZ, 8/10/2007)

Pelo tema e pela síntese e eficácia da linguagem, esse texto chamou igualmente a atenção dos leitores, provocando enorme celeuma, por dar a impressão de que seu autor estivesse justificando o assalto. Foi aberto até mesmo um inquérito policial, em dezembro de 2007, contra Ferréz, acusado de apologia do crime, ao qual ele respondeu

que o seu texto era uma obra de ficção, que mostrava o assalto por uma visão diferente e que seria muito grave se se decretasse prisão contra todo escritor que aborda temática semelhante na literatura brasileira. (FERRÉZ, Blog do autor)

Na verdade, o que o conto de Ferréz evidencia é que, de fato, não apenas a mesma cena pode ser vista e descrita a partir de duas perspectivas, mas que ambas têm a sua lógica, tanto a de quem vive a violência e se revolta, como a de quem, pelas próprias condições de desigualdade social, é empurrado para as margens e não tem outra opção se não a de exigir, de forma muitas vezes brutal, o que não pode ter por outros meios. O que ocorre é que a violência urbana é geralmente percebida e entendida num sentido muito restrito: pensa-se sempre na que é perpetrada contra os que possuem algo, não na que sofre os que nada têm. (DALCATAGNÉ, 2003: 46)

O conto é narrado em terceira pessoa e o narrador incorpora em sua fala a voz da personagem protagonista. Não há discurso direto no texto, que se estrutura em forma de monólogo ou, seria melhor dizer, de diálogo aberto e direto com o leitor. Nele, misturam-se observações e reflexões sobre a vida na favela, além de questões incômodas, que nos são postas de forma abrupta e provocatoriamente: “Leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável, mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem?” (FERRÉZ, 2007)

A linguagem do protagonista e a do narrador se confundem, ambos são oriundos do mesmo território desprestigiado, ambos viveram na própria pele parte das experiências descritas. Ferréz, em suas obras, faz questão de evidenciar a proximidade entre vida e literatura, afirmando no livro *Ninguém é inocente em São Paulo* que suas histórias são “trechos de vida que catei, trapos de sentimentos que juntei, fragmentos de risos que roubei estão todos aí, histórias diversas do mesmo ambiente, de um mesmo país, um país chamado periferia.” (FERRÉZ 2006b: 10)

O conto é sintético, a linguagem paratática, ágil e rápida, quase minimalista, com uso de termos da oralidade e gírias características das periferias, como “quebrada”, “fita”, “correria”, “rolo”. O texto estrutura-se a partir do cruzamento de várias óticas, que se patenteiam pelo modo em que são nomeados os personagens, suas ações e os contextos em que vivem. Todo o universo urbano é reconfigurado a partir da posição do sujeito no espaço. A “favela”, termo que em geral é conotado negativamente, para os seus habitantes, ao contrário, é uma “comunidade”, podendo ser também “quebrada”, que indica um sentimento de pertença a um lugar difícil de se viver, mas não por isso desprovido de valores: “quando passa pelos dois na moto, percebe que é da sua

quebrada, dá um toque no acelerador e sai da reta” (FERRÉZ, 2007). Essa oscilação nos significados atribuídos aos termos usados, que obedece à situação do sujeito em relação ao seu grupo e à sociedade em geral, é na verdade uma reestruturação do real pela linguagem e adere às opções e escolhas feitas pelos moradores da favela para tentar romper o muro de isolamento que os separa da cidade.

Nesse universo, duas são as possibilidades de emergir (ou pelo menos de tentar fazê-lo), duas são as estratégias de enfrentamento que os seus habitantes adotam, aqui representadas por dois personagens, quase da mesma idade, originários do mesmo espaço. A primeira estratégia é a do “motoboy”, que luta e trabalha honestamente, pondo em risco cotidianamente a sua vida no trânsito difícil de São Paulo:

O motoboy tenta se afastar, desconfia, pois ele está com outro na garupa, lembra das 36 prestações que faltam pra quitar a moto, mas tem que arriscar e acelera, só tem 20 minutos pra entregar uma correspondência do outro lado da cidade, se atrasar a entrega, perde o serviço, se morrer no caminho, amanhã tem outro na vaga. (FERRÉZ, 2007)

A segunda é a opção feita pelo “correria”, que incorpora o modelo de violência que o relegou à sua condição de marginal, assumindo-o inteiramente. De fato, ele afirma: “Ainda menino, quando assistia às propagandas, entendia que ou você tem ou você não é nada, sabia que era melhor viver pouco como alguém do que morrer velho como ninguém.” (FERRÉZ, 2007)

Não vendo outra possibilidade ou modalidade de ação e reação, ele retribui a violência com a violência, sentindo-se justificado porque, paradoxalmente, se comporta segundo os parâmetros e modelos propostos pelo grupo ao qual pertence a sua futura vítima. Certamente tal justificação não funciona em relação à ordem constituída, pois, como vimos acima, a sociedade não vê a violência sofrida por quem é privado até dos mínimos direitos de cidadania, vê apenas a violência de retorno, que se pode manifestar tanto como ataque quanto como uma forma de autodefesa de indivíduos e grupos, embora drástica e radical.

O próprio conceito de violência oscila no texto, dependendo da ótica com que ele é tratado. Para o “motoboy”, a ação que o “correria” está para praticar é uma “fita”; para o protagonista do conto, é uma “missão”; para quem vai sofrê-la é uma agressão, um assalto. A diferença e a distância entre esses termos, além de definir a posição dos

personagens no espaço, evidenciam o status dos mesmos, a visão de mundo que incorporam, o tipo de vida que elegem e o destino para o qual vão de encontro.

O inteiro texto está centrado, na verdade, no cruzamento e na intersecção de constringentes (e recíprocos) conceitos e imagens, quase todos deformados, com que a realidade é vista e descrita. Tais imagens são projeções de fora para dentro, formuladas a partir de visões instrumentais ou mesmo ideológicas, funcionais ao sistema de quase segregação entre classes sociais, sem que ninguém no conto realmente se encontre ou se conheça. Nesse sentido, nenhum dos personagens tem nome próprio, todos são identificados pelo que fazem ou pelo que possuem ou não possuem, e não pelo que são como pessoas.

Se o “motoboy” e o “correria” exprimem formas diversas de lidar com a marginalidade social e econômica em que se encontram, ao mesmo tempo eles denotam consciência das vantagens e consequências da própria escolha. O “motoboy” certamente tem esperanças de terminar de pagar a sua motocicleta, apesar de expor a vida a tantos riscos. O “correria”, por outro lado, sabe que se impossessar ilegalmente de bens e objetos que não lhe pertencem pode trazer benefícios imediatos a ele e à família, mas o expõe ao perigo de ser morto a qualquer momento. Sabe também que nunca sairá da marginalidade, pelo contrário, ele encarna o protótipo do marginal. Como alternativa, haveria apenas uma outra possibilidade (que recusa com desdém): a de ir a um programa televisivo e se expor ao ridículo diante do público para obter um pouco de dinheiro:

Era da seguinte opinião: nunca iria num programa de auditório se humilhar perante milhões de brasileiros, se equilibrando numa tábua pra ganhar o suficiente pra cobrir as dívidas, isso nunca faria, um homem de verdade não pode ser medido por isso. Ele ganhou logo cedo um kit pobreza, mas sempre pensou que, apesar de morar perto do lixo, não fazia parte dele, não era lixo. (FERRÉZ, 2007)

O paradoxo está no fato de que o modelo de sociedade proposto e imposto pelos grandes meios de comunicação social é o mesmo que adota tanto o assaltado quanto o seu agressor. Certos programas televisivos inculcam desde cedo nas crianças tal paradigma consumístico. A dicotomia entre os dois universos, o de cima e o de baixo, ou, em outras palavras, o do centro e o das margens, funciona porque um justifica o outro, um precisa do outro, um mantém o outro em pé. Só que o protagonista do conto

não aceita a falsa moral dessa estrutura social, segundo a qual o bem está completamente separado do mal e de um lado há bandidos e de outro heróis: “Não acreditava em heróis, isso não! Nunca gostou do super-homem nem de nenhum desses caras americanos (...).” (FERRÉZ, 2007)

Para tal personagem, o julgamento do que é moral ou imoral segue uma lógica ditada pela sua condição. Se a sociedade em geral adota um modelo segundo o qual possuir certos objetos e bens eleva o status da pessoa, ele transfere e remodela essa lógica para o seu ambiente: “preferia respeitar os malandros mais velhos que moravam no seu bairro, o exemplo é aquele ali e pronto.” (FERRÉZ, 2007) A opção feita pelo “motoboy” para ele é improponível, pois nunca irá garantir uma verdadeira ascensão social. Ele está convicto de que o trabalho honesto não tira ninguém da favela, muito pelo contrário:

Tantas pessoas que conheceu que trabalharam a vida inteira sendo babá de meninos mimados, fazendo a comida deles, cuidando da segurança e limpeza deles e, no final, ficaram velhas, morreram e nunca puderam fazer o mesmo por seus filhos! (FERRÉZ, 2007)

O “correria” se sente, assim, plenamente justificado em suas ações: elas são agressivas, na medida em que é agressivo o modo em que o seu mundo sofre o estigma da exclusão:

Se voltar com algo, seu filho, seus irmãos, sua mãe, sua tia, seu padastro, todos vão gastar o dinheiro com ele, sem exigir de onde veio, sem nota fiscal, sem gerar impostos. Quando o filho chora de fome, moral não vai ajudar. A selva de pedra criou suas leis (...) sem tempo pra sentimentalismos. (FERRÉZ, 2007)

Há uma certa consciência, nele, de que o universo em que vive é estruturado de forma a marginalizá-lo. Embora tenha feito escolhas difíceis de serem aceitas ou justificadas pelo leitor, esse personagem tem a sua moral e a sua ética, como vimos. Ele, por exemplo, entende que respeita suas vítimas muito mais do que os que deveriam estar do lado da lei: “Tomava tapa na cara do seu padastro, tomava tapa na cara dos policiais, mas nunca deu tapa na cara de nenhuma das suas vítimas. Ou matava logo ou saía fora.” (FERRÉZ, 2007) O tapa na cara é visto como mais humilhante do que a

morte. Há também consciência da própria dignidade, quando afirma que morar perto do lixo não equivalia a ser lixo, ou a ser parte dele. (FERRÉZ, 2007)

Talvez o que mais tenha chocado os leitores quando esse texto foi publicado seja a conclusão do mesmo. Nela, toda a ação do assalto é vista como uma troca justa: o apresentador televisivo cedeu o relógio e pode retomar a sua vida, o assaltante obteve o que desejava sem precisar matar:

No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é a sua vida, e o correria ficou com o relógio.

Não vejo motivo pra reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes. (FERRÉZ, 2007)

Esse texto suscitou muitas reações e provocou problemas ao seu autor, como dissemos. Quando o publicou, Ferréz já era relativamente conhecido como expoente da chamada “Literatura Marginal”. Nascido em 1975, cresceu em Capão Redondo, um dos bairros mais violentos da capital paulista. Publicou o primeiro livro, *Fortaleza de Desilusão* (poemas), em 1977, mas o seu nome começou a chamar a atenção dos leitores a partir da publicação de *Capão Pecado*, de 2001, que o revelou ao público, e do livro *Ninguém é Inocente em São Paulo*, de 2006. Autodidata, Ferréz exerceu várias atividades antes de aprofundar-se à literatura. Em entrevistas, afirma que a literatura o salvou, dando uma razão e um sentido à sua vida. Os livros canalizaram, de forma construtiva, a sua revolta.

Ferréz provavelmente tinha consciência de que estava propondo um texto chocante para o leitor brasileiro. É difícil que nos coloquemos na pele desse seu personagem, pois ele não suscita a nossa empatia. Certamente nos incomoda, provoca, questiona, acusa, rejeita a nossa ética parcial e a nossa autoimagem, cultivada mesmo dentro da literatura, a de que o Brasil é um país tolerante e pouco racista. Tal concepção desaba nos textos desse escritor.

Ferréz questiona também o cânone da literatura brasileira, porque a sua é uma voz fora de campo, posicionada em um espaço periférico, pouco fascinante e pouco frequentado por essa mesma literatura e por ter, ele próprio, uma formação e uma visão muito diferentes da de outros escritores brasileiros contemporâneos.

Quando Ferréz trouxe para a literatura a figura de um marginal, em todos os sentidos (porque marginalizado e porque bandido assumido), o objetivo não foi o de

justificá-lo, mas o de solicitar nossa reflexão sobre o Brasil e sua difícil história, de violências e lutas, sua divisão de riquezas entre as mais injustas do mundo.

O foco é o mundo urbano, onde hoje se concentra boa parte da população brasileira, as cidades em que se erguem muros não apenas metafóricos, muros reais, separando ruas e bairros onde ricos e pobres parecem viver em planetas diferentes. O papel do escritor, numa sociedade assim estruturada é o de levar o leitor a tomar consciência de que ninguém, como afirma no título de um dos seus livros, é inocente. Também o silêncio, a apatia, a displicência, a indiferença são funcionais ao sistema.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dalcastagnè, Regina. 2003. “Sombras da cidade”, *Estudos de Literatura Brasileira*. n° 21. Brasília, janeiro/junho 2003, p. 33-53.

Ferréz. 2003. *Manual prático do ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva.

— 2005. *Capão Pecado*. Rio de Janeiro: Objetiva.

— 2006b. *Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

— 8/10/2007. “Pensamentos de um ‘correria’”, in *Folha de S. Paulo*, sessão Tendências/ Debates. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0810200708.htm> (acessado em 24/06/2013).

— Blog do autor, disponível em <http://ferrez.blogspot.it/>

Huch, Luciano. 1/10/2007. “Pensamentos quase póstumos”, in *Folha de S. Paulo*, sessão Tendências/Debates. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0110200708.htm> (acessado em 02/05/2013).

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Costa Pinto, Manuel. 2004. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha.

Dalcastagnè, Regina. 2002. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira*. n° 20. Brasília, julho/agosto 2002, p. 33-87.

— 2005. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n° 26. Brasília, julho-dezembro, p. 13-71.

— 2012. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Dias, Angela Maria. 2006. “A estratégia da revolta: literatura marginal e construção da identidade”. *Revista Estudos de Literatura Brasileira*. n° 27. Brasília, janeiro / junho, p. 11-21.

Ferréz. 22/07/2000. “A revolução tem de ser feita, pela arte ou pelo terror”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2207200007.htm> (acessado em 08/07/2014).

— 2001. “Cultura e sociedade: As linguagens da violência”, SESC, UNESCO e Consulado Geral da França de São Paulo, São Paulo, 13/09/2001. Disponível em, <http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=2965&ID=161&ParamEnd=9> (acessado em 30/01/2013).

— 2006a. “Manifesto de abertura do livro *Literatura marginal*”, publicado in <http://editoraliteraturamarginal.blogspot.it/2006/12/manifesto-de-abertura-do-livro.html> (consultado em 25/05/2013).

— 12/08/2013. Entrevista concedida ao programa *Provocações*, TV Cultura. Disponível em <http://cmais.com.br/imprensa/noticias/ferrez-conta-no-provocacoes-que-vende-roupa-para-poder-ser-um-escritor> (consultado em 24/06/2014).

Oliveira, Vera Lúcia de. 2012. "Narrativas brasileiras contemporâneas: alguns temas e implicações". *Signo*, vol. 37, n° 62, Santa Cruz do Sul: EDUNISC e Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, p. 27-52.

Pellegrini, Tânia. 2001. “A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade”. *Revista de crítica literária latinoamericana*. Ano XXVII, n° 51. Lima-Hanover, p. 115-118.

Pinto, Ricardo. “Representação da violência e democratização”. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/ensaios/democratico.doc> (acessado em 25/06/2014).

Pivetta de Oliveira, Rejane. 2011. “Literatura marginal: questionamentos à teoria literária”. *Ipotesi*. v. 15, n. 2. Juiz de Fora, p. 31-39, jul./dez.

